

Eu denunciei meu ex-marido várias vezes. Cada ameaça que ele fazia, eu ia à delegacia. O que eu queria era que ele saísse de casa. Já tinha acabado. Pra mim, aquele relacionamento tinha acabado. Só que ele me seguia. Pra faculdade, pro trabalho. Até o dia que ele me viu com o meu namorado, né? Que pra ele era amante, porque, teoricamente, a gente ainda estava casado. A gente estava, mas era só no papel. Engraçado, eu lembro que eu procurei ajuda da minha família, eu falei com o meu irmão. Porque assim: o meu irmão era amigo do meu ex-marido. Foi ele, inclusive, que apresentou a gente. Meu irmão falou: "Separa agora! Expulsa ele de casa!" Tá bom. Quem disse que eu consegui? Eu disse pra ele sair, pedi muito. Deu em nada. A gente tinha uma filha, sabe? Três aninhos só, minha menina. Poxa, tinha que ser uma separação amistosa. Eu nunca quis que a minha filha ficasse sem pai. Mas aí eu fui vivendo. Uma vida de quase solteira, ainda casada. Não podia dar noutra coisa. Eu me apaixonei. Perdidamente. O Ramon era meu professor na faculdade. O Ramon, elegante, culto, me tratava super bem, como eu merecia. Não me dizia as coisas horrorosas que o meu marido falava, não ameaçava me matar. Aí, toda tarde de sábado, a gente dava um jeito de se encontrar. Num sábado desses, o Eduardo seguiu a gente. Eu não sabia, não fazia ideia. Quando eu voltei pra casa, tava o Edu na sala me esperando pra me espancar. Fui parar no hospital totalmente desacordada. Fizeram um exame. Traumatismo craniano. E olha a cara de pau: o Eduardo que chamou a minha família. A gente morava na casa ao lado, assim, era vizinho dos meus pais. E o Eduardo foi lá chamar a minha família pra socorrer. Disse que "ah, teve um assalto". Só depois que eu tive alta, que eu me recuperei, é que eu consegui dizer pra minha família que ele que tinha me batido. Eu cheguei a ter que fingir amnésia por um tempo pra conseguir sobreviver debaixo do mesmo teto que ele, viu? Que horrível. É muito difícil quando a família não dá apoio pra gente. Meu irmão deu o conselho dele. "Coloca ele pra fora". Como eu não segui o conselho, ele bem me virou as costas. E deu no que deu. Eu vivi muito tempo apavorada. Por azar ou por sorte, sei lá, eu fiquei com umas sequelas. E eu acho que foi por isso que o Eduardo enjoou de mim. Arrumou outra. E saiu de casa. Assim, nessa época, eu ainda precisava de cuidado. Minha mãe ia à minha casa todo dia. Acho que ele pensou que eu nunca ia voltar a andar. Mas eu voltei. Fiz muita fisioterapia. Voltei a andar. Voltei a falar. Normalmente. Hoje eu sigo a minha vida. Com o Ramon. Na psicologia, eu me especializei em mulheres que passaram por violência. E o que eu passei me coloca num lugar de empatia, sabe? De amor mesmo. De propriedade pra ajudar. É muito importante que a gente receba apoio sem julgamento. Que haja uma escuta acolhedora. Um lugar seguro pra gente estar. Alguém pra se confiar de verdade. Espero ser isso pra elas. Eu conheci muitas que conseguiram sair do ciclo de violência. Outras estão no seu processo. É preciso saber respeitar. O meu lugar de liberdade? Hoje? É o consultório, os grupos terapêuticos, meu intercâmbio com mulheres que passam ou que passaram pelo que eu passei. Eu sobrevivi. Nós sobrevivemos. E sobreviveremos. Se depender de mim e de você, não é? Todas. Todas. A escuta e o acolhimento é o nosso primeiro lugar de cura.

MILENA

Sobrevivientes